



## FORMAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO INDUSTRIAL NA TESSITURA DO CAPITAL

Adriana David Ferreira Gusmão<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda aspectos da relação a formação da força de trabalho industrial na tessitura do capital, comportando desde o perfil socioeconômico e de escolarização dos trabalhadores da indústria alimentícia de Vitória da Conquista - BA, até a crítica em favor da classe trabalhadora imersa no processo excludente e tirano da acumulação capitalista, com ênfase nos dados históricos que revelam as formas de subsunção da educação à acumulação capitalista, iniciada com as transformações lançadas pela Revolução Industrial no final do século XVIII e a partir da qual se observou uma nova dinâmica produtiva e os seus efeitos nos cenários social, político, econômico e educacional.

### METODOLOGIA

Todo trabalho científico fiel a uma metodologia deve se ligar a uma determinada visão de mundo. Assim sendo, esse trabalho não se pretendeu neutro, mas sim, fora escrito para ser um instrumento da tarefa de analisar a realidade de maneira crítica, admitindo que a totalidade<sup>2</sup> é mais que a soma das partes e que, não obstante, carrega em si a força das singularidades da história e dos seus fragmentos.

Nessa direção, a fundamentação teórica que sustenta a análise está pautada nas considerações de Marx (2010 e 2013), Antunes (2007), Harvey (2000 e 2011), Mészáros (2002, 2005 e 2006), Braverman (1987), Frigotto (1989 e 1999), Bertoldo (2012) e Thomaz Jr (2000), Ciavatta (1992, 1998, 2000, 2006), entre outros e é fundamentada

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil. Endereço eletrônico: [adrianadgusmao@gmail.com](mailto:adrianadgusmao@gmail.com).

<sup>2</sup> Totalidade, nesse trabalho, significa, segundo Kosik (2011), a realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* (classes de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. (KOSIK, 2011, p. 44).



numa visão de totalidade.

Para dar suporte à análise, a dialética. Dessa maneira, impera a ideia de que o trabalho do pesquisador deve ter como pressuposto que as diferentes esferas que compõem o espaço geográfico, com suas contradições, materialidades e imaterialidades, que não devem ser analisadas de forma fragmentada e dissociada da historicidade. Isso requer a clareza da noção de totalidade, tão necessária à compreensão da realidade. Para o desenvolvimento da análise foi utilizada a metodologia do estudo de caso e privilegiou-se a apresentação dos resultados por meio da crítica entrecortada pela dinâmica entre teoria-empíria. Foram aplicados 290 questionários aos trabalhadores das indústrias de alimentos cadastradas na Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), amostra correspondente a 20% do quantitativo total de empregados no setor. Foram selecionadas as indústrias em que, no cadastro na FIEB, constavam acima de 10 trabalhadores contratados. Assim, a amostra de indústrias resultou em 40 unidades. Foram entrevistados oito proprietários de indústrias, aqueles que se dispuseram a oferecer informações, e um representante sindical.

Para dar suporte à discussão sobre a escolarização, a legislação da educação foi analisada assim como são indicados os cursos e modalidades de ensino profissionalizante oferecidos em Vitória da Conquista – BA.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicaram que a maioria dos trabalhadores entrevistados possui poucos anos de escolaridade, mas contraditoriamente, isso não tem sido um impeditivo de acesso aos postos de trabalho nas indústrias em apreço. Ao contrário, a baixa escolaridade tem sido um mecanismo de barateamento dos custos produtivos, pois, em geral esses trabalhadores realizam tarefas menos qualificadas e com baixos salários. Por outro lado, nessas condições, estão mais vulneráveis às formas exploratórias e precárias de trabalho. Há que se considerar, nesse contexto que a baixa escolarização nunca foi um problema para a reprodução do capital, ao contrário, por meio dela se amplia o exército de reserva, fundamental para a regulação dos salários e dos postos de trabalho.

Os aspectos da escolarização do trabalhador da indústria e suas relações com a acumulação capitalista são o cerne do trabalho que ora se apresenta. Mais especificamente, aborda-se a condição do trabalho industrial conquistense e sua interface com a



escolarização no modo de produção capitalista.

Também foi constatado que a formação escolar do trabalhador está diretamente relacionada à exploração da sua força de trabalho no sentido real da palavra e não apenas subjetivamente; todos os níveis de exploração (seja a exploração no sentido do trabalho, da venda da força de trabalho ou exploração pelo aspecto do esgotamento físico e mental) produzem, em diferentes graus, efeitos sobre a escola, o ensino e os cursos profissionalizantes que, por sua vez, também se tornam mercadorias.

As atividades laborais foram, aos poucos, sendo moldadas ou adaptadas à medida que ocorreram reestruturações do sistema produtivo do capital e, do mesmo modo, o tratamento dado às questões relacionadas à qualificação do trabalhador também foram tomando novos sentidos dentro dos sucessivos arranjos. Na atualidade têm-se, na maioria dos países, legislações (específicas ou não) que abordam a questão da formação do trabalhador.

Ao longo da história, a capacidade de trabalho foi potencializada por alguns sistemas: o uso da natureza, a tecnologia, a organização do trabalho, a escolarização e a qualificação técnica. No entanto, para Marx (2004) o trabalhador foi transformado em objeto ao tempo em que fora destituído do acesso aos produtos que ele mesmo fabrica, assim como fora condenado a permanecer ignorante e malformado.

Por certo, o trabalho humano produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Ele produz palácios, porém choupanas é o que toca ao trabalhador. Ele produz beleza, porém para o trabalhador só fealdade. Ele substituiu o trabalho humano por máquinas, mas atira alguns dos trabalhadores a um gênero bárbaro de trabalho e converte outros em máquinas. Ele produz inteligência, porém também estupidez e cretinismo para os trabalhadores (MARX, 2004, p. 4).

A discussão em torno da escolarização e da qualificação do trabalhador não pode ser feita sem que se trate a respeito da formação de força de trabalho para a indústria, pois existe um consenso social a respeito dessas questões e que pairam sobre todo o discurso acerca do emprego ou do desemprego. Em vários países foram elaboradas propostas no contexto do modo de produção capitalista, nas quais a perspectiva de desenvolvimento socioeconômico estava claramente atrelada à ideia de educação, escolarização e qualificação.

Em se tratando do “pacto” entre capital e trabalho, o contexto da acumulação flexível fez entender que o trabalhador polivalente e flexível deveria se qualificar e ascender intelectualmente para que conseguisse a melhor colocação no mercado de



trabalho. Esse é um fato considerável, pois o sistema capitalista que rege o trabalho acaba por tecer estratégias em todas as facetas da vida de forma que seja atendido na sua lógica de obtenção de ganhos e lucros.

No âmbito da formação de força de trabalho para a indústria é importante discorrer sobre os mecanismos que se constituíram para fortalecer e reafirmar as bases de cooperação entre Estado e Capital e, foi através da escolarização que isso se deu de maneira clara. Mészáros afirma que;

As determinações gerais do capital afetam profundamente *cada âmbito particular* com alguma influência na educação, e de forma nenhuma apenas as instituições educacionais formais. Estas estão estritamente integradas na totalidade dos processos sociais. Não podem funcionar adequadamente exceto se estiverem em sintonia com as *determinações educacionais gerais da sociedade* como um todo (MÉSZÁROS, 2008, p. 43, grifos do autor).

De acordo com Harvey (2008), a tecnologia e a escolarização, não trouxeram implicações diretas ou significativas no sistema capitalista, mas sim o contrário. A (des)regulação econômica produzida e a reestruturação permanente do mercado se opõem a qualquer proposta de equilíbrio social e de formação crítica, o que por sua vez, preserva a acumulação e a valorização do capital quando “inclui” na formação da força de trabalho, aqueles que são marginalizados e destituídos de direitos, tais como os idosos, as crianças e os familiares que produzem com “mãos invisíveis”.

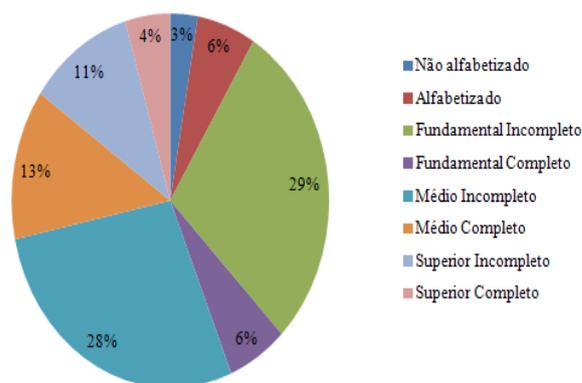
Na busca do trabalho para a sobrevivência, o trabalhador encontra a força do capital que, muitas vezes reforça a sua condição de pouco escolarizado ou, por outro lado o responsabiliza pela baixa qualificação e pelo salário baixo que recebe. O capital impele o indivíduo a um suposto crescimento para que esse deseje atingir melhores cargos e salários, mas ao mesmo tempo se serve da sua ignorância e baixa escolarização.

A formação ou a qualificação para o mercado de trabalho torna-se sinônimo de possibilidade de conquistar melhores posições ou colocações no mercado de trabalho, mas nem sempre esses trabalhadores encontram as possibilidades para se desenvolverem intelectualmente, ou mesmo enxergam garantias de melhoria de cargos ou de renda após a qualificação. Na mesma proporção que o capital se aproveita do trabalhador ‘mais qualificado ou mais capacitado’ ele também explora a força de trabalho daquele que não possui formação escolar ou capacitação técnica e nesse sentido, a diferença de remuneração entre qualificado e não qualificado, torna-se mais-valia e tem uma ação extremamente pesada na exploração desse trabalhador.



## FIGURAS

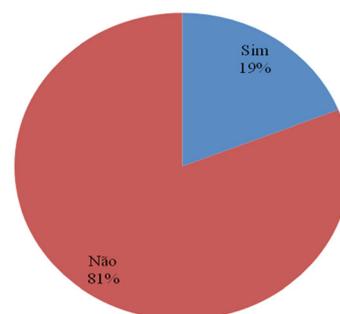
**Gráfico 1:** Escolaridade dos trabalhadores da Indústria Alimentícia de VCA-BA.



**Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.

**Elaboração:** GUSMÃO, Adriana D. F. Nov/2016.

**Gráfico 2:** Percentual de trabalhadores que realizaram cursos Técnicos e/ou Profissionalizantes.



**Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.

**Elaboração:** GUSMÃO, Adriana D. F. Nov/2016.

## CONCLUSÕES

A formação da força de trabalho industrial tem relação direta com o modelo de educação brasileira que favorece o capital e a reprodução do sistema de dominação de classes e isso reflete nas questões relacionadas ao trabalho como um todo: as relações trabalhistas, as condições de trabalho, o desemprego, enfim, o sistema educacional possui inúmeros vícios que automaticamente estão associados à essa dinâmica do trabalho e reverbera na alienação do indivíduo pelo trabalho. Na mesma proporção que o capital se aproveita do trabalhador 'mais qualificado ou mais capacitado' ele também explora a força de trabalho daquele que não possui formação escolar ou capacitação técnica e nesse sentido, a diferença de remuneração entre qualificado e não qualificado, torna-se mais-valia e resulta tão somente na exploração do trabalhador.

**Palavras-chave:** Força de Trabalho Industrial. Capital. Escolarização.



## REFERÊNCIAS

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 2ª Ed., 9ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MÉSZÁROS, István. **Educação Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.